

## AS REPRESENTAÇÕES DE EROS EM BRILHO DE FOGO E OUTROS POEMAS DE AMOR DE AUGUSTO OLIVEIRA

Rafaela Picanço da COSTA<sup>1</sup>  
Francesco MARINO<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo intitulado “*As representações de Eros em Brilho de fogo e outros poemas de amor de Augusto Oliveira*” tem como objetivo analisar as representações do erotismo literário na obra *Brilho de fogo e outros poemas de amor*, bem como analisar o papel do jogo de poder na relação erótica e o erotismo imagético na obra. Para tal finalidade, foi feita pesquisa do tipo bibliográfica, por utilizar-se de análises de obras de autores que teorizam sobre o erotismo, sobre o texto literário erótico e análises dos poemas selecionados da obra. Com as análises dos poemas em mãos constatou-se que na obra há a presença de um erotismo sensual e violento ligado ao prazer e um erotismo altamente sugestivo e ativador da imaginação.

**Palavras-chave:** Erotismo literário, Augusto Oliveira, literatura amapaense.

**Résumé:** La présente étude, intitulée “*As representações de Eros em Brilho de fogo e outros poemas de amor de Augusto Oliveira*” se propose d'analyser les représentations de l'érotisme littéraire dans *Brilho de fogo e outros poemas de amor*, ainsi que le rôle du jeu de pouvoir dans la relation érotique et de l'érotisme imagétique dans le livre. Pour le faire, nous avons procédé d'abord à une recherche bibliographique sur l'érotisme et sur le texte littéraire érotique, pour, ensuite, analyser poèmes choisis. Après les avoir analysé, on a constaté la présence d'un érotisme sensuel et d'un érotisme qui est suggéré et accompli par l'imagination du lecteur.

**Mots-clés:** L'érotisme littéraire, Augusto Oliveira, la littérature Amapaense.

## INTRODUÇÃO

Este artigo compreende uma discussão sobre o erotismo na obra *Brilho de fogo e outros poemas de amor* de Augusto Oliveira, que consiste em uma coletânea de poemas publicada em 2006, que retrata, de forma sensual, sentimentos como o amor, misturando sentimentos e corpos através da poesia.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras – UNIFAP, Macapá- AP.

<sup>2</sup> Orientador, Professor Mestre do curso de Licenciatura Plena em Letras na UNIFAP, atualmente Professor Efetivo do curso de Licenciatura Plena em Letras na UEAP.

Augusto Oliveira consegue entrelaçar a linguagem erótica com o lirismo poético, obtendo a erotização da linguagem, que retrata desejos e coloca o leitor em prol de sua imaginação.

É nesse colocar a imaginação a disposição do leitor, como se encontra em *Brilho de fogo e outros poemas de amor*, que faz a literatura erótica revelar-se como sedução inescapável ao desviar o sexo do mero ato sexual, agregando a este a imaginação como elemento principal. Como afirma Octávio Paz citado por Vinícius Pereira em *A revolução erótica: uma subversão poética em "Onde estivestes à noite", de Clarice Lispector* (2008, p. 2) "em todo o encontro erótico há uma personagem invisível e sempre ativa: a imaginação. No ato erótico intervêm sempre dois nunca um só".

A temática a ser desenvolvida é ao mesmo tempo tradicional e atual, além de importante, visto que literatura e erotismo estão entrelaçados ao longo da história, da antiguidade até nossos dias. No Brasil, a vertente literária do erotismo ganhou legitimidade a partir da semana de 1922, o que pode ser confirmado tanto pelo deboche nos textos de Oswald de Andrade, quanto pela erótica requintada de Carlos Drummond de Andrade que imbricou poesia, amor e erotismo em seus textos. Da mesma forma como Drummond colocou uma dose de erotismo em suas poesias, muitos outros autores brasileiros também o fizeram e continuam desenvolvendo o tripé poesia, amor e erotismo em suas obras.

Porém, dado a amplitude da temática, enfoca-se nesta pesquisa a relação literatura e erotismo na obra e autor já referidos. Tal escolha justifica-se, primeiro pela escassez de publicações de estudiosos sobre esse tema com delimitação para a literatura amapaense, posto que as pesquisas sobre as representações do erotismo na literatura em sua maioria exploram os autores das regiões sul e sudeste.

Em segundo lugar porque a literatura amazônica é caracterizada, por muitos, apenas como uma literatura saudosista, regionalista (com destaque, sobretudo para a Amazônia) e de exaltação, resgate e divulgação de aspectos naturais locais. Com isso, muitas vezes, se esquece de outras temáticas abordadas pela literatura

amapaense, como por exemplo, a temática erótica, que se torna tão importante quanto às outras temáticas.

O objetivo deste trabalho, em torno da obra *Brilho de fogo e outros poemas de amor* de Augusto Oliveira, é desenvolver um estudo da coletânea do ponto de vista da literatura erótica, bem como analisar a relação literatura e erotismo na obra, analisando a relação de poder existente na relação erótica, e verificar como a imaginação e erotismo são trabalhados pelo autor nessa obra.

Para alcançar esses objetivos, foi utilizado o método descritivo-analítico, sendo feito um estudo das teorias do erotismo e suas representações na literatura, para em seguida aplicar esses dados nos poemas da obra, e assim compreender como se dá as representações do erotismo na obra analisada.

## 1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O EROTISMO

O termo erotismo é moderno, do século 19, e é um adjetivo derivado de Eros, o deus do Amor. Este termo traz em sua raiz etimológica a noção de Eros, personagem que é apresentado segundo versões variadas e diversas, dentre as mais conhecidas está a de Platão em *O banquete* (2001), obra em que busca-se a ideia ou a essência do amor. É através da fala de Diotima que Platão (2001, p. 21), narra o mito da origem do Amor (Eros):

Quando nasceu Afrodite, banquetevam-se os deuses, e entre os demais se encontrava também o filho de Prudência, Recurso. Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar do festim a Pobreza, e ficou pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar - pois vinho ainda não havia - penetrou o jardim de Zeus e, pesado, adormeceu. Pobreza então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deita-se ao seu lado e pronto concebe o Amor. Eis por que ficou companheiro e servo de Afrodite o Amor, gerado em seu natalício, ao mesmo tempo que por natureza amante do belo, porque também Afrodite é bela. E por ser filho o Amor de Recurso e de Pobreza foi esta a condição em que ele ficou. Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão.

Nessa genealogia de Eros, proposta por Platão, percebe-se que Eros é um ser paradoxal que se encontra entre a penúria e a riqueza, a sabedoria e o desatino, o material e o espiritual, entre a Vida e a Morte. Estando sempre entre o divino e o humano, pode ser classificado não como um deus, mas como um

*daimon*: uma força espiritual misteriosa de coesão, um impulso, uma pulsão de vida. É com base nas diversas genealogias de Eros que a sociedade moderna cria as mais variadas definições de erotismo, quase todas associadas a sentimentos humanos e impulsos carnavais.

Mas ao falar em erotismo é necessário considerar o termo pornografia, apesar da tentativa de distinção entre erotismo e pornografia ser bastante recente, é importante ressaltar que devido a diferenças culturais, sociais e pessoais a delimitação daquilo que é considerado erótico e pornográfico varia muito, em épocas diferentes e mesmo em diferente meios dentro de cada sociedade:

Sabe-se muito bem que aquilo que uns consideram pornográfico não o é para outros, e aí pesam não só as diferenças históricas, étnicas ou culturais, mas, também as subjetivas e individuais. A variabilidade dos critérios que julgam se uma obra é ou não pornográfica é tão grande que além da referência geral à sexualidade, pouco mais pode se dizer deles. Vários livros que hoje são considerados clássicos da literatura, outrora foram acusados de obscenos e proibidos sumariamente. (Moraes, 1985:11 *apud* VALENÇA, 1994, p. 152)

Moraes deixa clara a dificuldade que existe em distinguir erotismo e pornografia, pois traçar limites entre esses termos é bastante ariscado, o que segundo Sontag em *A imaginação pornográfica* (1987) a dificuldade dos limites é causada pela sobreposição erótico/sexo-visual que se corporifica em livros, revistas, filmes, enfim, nas mais diversas produções da cultura.

Mas segundo Eileen O'Neill, em *Gênero, corpo e conhecimento* (1997), na tradição política liberal, o erotismo é geralmente considerado uma forma mais branda de pornografia, pois o conteúdo é mais sugestivo do que explícito e a intenção é produzir algum grau de interesse sexual no espectador em vez de intensa excitação sexual. O'Neill (ibidem, p. 81) propõe a seguinte maneira de distinguir erotismo e pornografia:

Usarei o termo 'pornografia' para me referir a representações sexualmente explícitas que têm a excitação como finalidade. O erótico é o que 'expressa' excitação sexual e desejo em vez de provocá-los. É o que sugere, coloca-me em contato com sua possibilidade, tornando-me consciente de mim mesma como ser físico e sexual. O erotismo faz lembrar, minha própria sexualidade e capacidade para o prazer sexual. O erotismo pode causar excitação sexual, mas se isso acontece, é um efeito ulterior e não essencial.

Tal opinião também é referendada por Antônio Durigan em “*Erotismo e literatura*” (1987), ao dizer que, mesmo que haja o despertar do desejo não é o objetivo principal do texto despertá-lo, mas solicitar uma cumplicidade a distância, visando basicamente a um saber do querer, um conhecimento do desejo e do prazer.

### 1.1 O ERÓTICO

Georges Bataille em *O erotismo* (2004) considera em todos os homens três formas de erotismo: o erotismo dos corpos, dos corações e o sagrado. A primeira forma provoca uma tensão egoísta que impulsiona para uma descontinuidade individual, a segunda introduz perturbação e desordem quando a paixão, que é encaminhada pelo erotismo dos corpos, se intensifica enfim, o erotismo sagrado, está ligado ao imaginário e a espiritualidade.

Além disso, Bataille (*ibidem*) acredita que o erotismo não deve ser encarado independente da história das religiões. Segundo o teórico, todo erotismo é sagrado, mas o termo “sagrado”, no âmbito do erotismo, não se relaciona propriamente à religiosidade habitual: no ocidente o erotismo sagrado relaciona-se com a procura e o amor de Deus, enquanto no oriente, embora haja uma demanda semelhante, desaparece a noção de Deus, tal como no Budismo.

A ocorrência de atos eróticos nasce da busca de prazer que os instintos constituem, nem sempre advindos da necessidade de reprodução, pois no momento em que o homem submete-se ao instinto sexual tem-se, além da posse do objeto desejado, a expectativa, a imaginação e a curiosidade ansiosa que atuam como fatores eróticos para o completo prazer. Contudo a realização do prazer erótico não se limita somente a possessão do objeto de desejo, ela reside na forma como acontece essa apropriação, como é realizado o jogo erótico, que pode conter traços de violência.

É importante ressaltar que essa violência no ato erótico, não necessariamente implica uma relação sadomasoquista, mas uma relação de transgressão, onde a violência presente no ato erótico é diferente da violência

animalizada e brutal. Essa violência no ato erótico está ligada ao conceito de Bataille (2004, p. 43) de transgressão e interditos em que homem é movido por interditos, restrições e regras impostas:

Muitas vezes a transgressão do interesse não está menos sujeita a regras que o interdito. Não se trata de liberdade: em *certo momento e bem nesse momento, isto é possível, tal é* o sentido da transgressão. Desde que se cria um primeiro limite, pode-se deflagrar o impulso ilimitado à violência: as barreiras não são simplesmente abertas, pode ser até necessário, no momento da transgressão, afirmar a sua solidez.

Segundo o teórico pode-se dizer que essas restrições existem para serem violadas por algum interesse, surgindo assim à transgressão, não se trata de liberdade e sim de limite. Essa violência pode ser encontrada no jogo erótico, quando os sujeitos assumem o papel de sujeito que toma a iniciativa e daquele que se deixa cuidar (ou comandar) na relação, e o primeiro ainda assume o papel de transgressor, violador.

Para Freud em *Além do princípio do prazer* (1996) não só a experiência sexual é considerada importante, mas também as fantasias que se ligam a ela. Ele afirma ainda que o corpo é habitado pela linguagem do desejo e que traduz uma linguagem carregada de símbolos, de imagens e de afetos. A linguagem do desejo é a expressão de um inconsciente plural e dinâmico, sendo que essa linguagem nos remete a uma linguagem do desejo, ao corpo erógeno, que fala, transmite e produz linguagem.

Vale dizer que através dessa linguagem do corpo, ao qual Freud se refere, o nu apresenta um papel importante, provocando o desejo e levando o homem de volta à natureza, reintegrando-o através dos instintos primitivos na possessão do corpo. Nesse sentido, vale ressaltar o papel do vestuário que atua diretamente no fetichismo humano e gera a necessidade de olhar a nudez do ser amado de forma completa, gera, portanto um ciclo de desejo: o objeto é desejado, as suas roupas criam uma fantasia, levando a nudez.

Contudo, segundo O'Neill (1997):

o corpo nu não tem sido o único enfoque da arte erótica e indutora do desejo no ocidente; as partes do corpo ou mesmo qualquer sugestão do corpo ou de suas partes são também fundamentais e, nesse aspecto nem o corpo vestido da mulher escapa à problemática sujeito/objeto desejado.

Corroborando assim a ideia que o objeto do desejo não é somente o corpo mas também seja o que nele pode ser visto parcialmente, seja que metonimicamente representado por outros objetos.

## 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O EROTISMO E O TEXTO LITERÁRIO

O sexo e o erotismo são retratados em diversas formas de arte, e consideravelmente tratados na literatura, o que segundo Eliane Moraes em *A erótica literária no modernismo brasileiro* (2008), escritores como Apollinaire, Sade, Nabokov, Maupassant, Zola e Flaubert são exemplos de artistas que mostraram o erotismo como criação literária em pelo menos uma de suas obras. No Brasil esse quadro não é diferente. A vertente erótica se faz presente aqui desde as primeiras escolas literárias, com escritos de Gregório de Matos, apesar de ser com a semana de 1922, com o modernismo, que a temática erótica na literatura ganha uma maior evidência no cenário nacional. Como afirma Eliane Moraes (2008, p. 3):

“Não surpreende, pois, que o erotismo literário brasileiro tenha chamado atenção da turma de 22, uma vez que o nosso Modernismo reunia pelo menos duas preocupações fundamentais para constituir tal interesse: de um lado, a busca de uma sintonia com o pensamento iconoclasta das vanguardas européias que, em grande parte, se voltava com particular interesse para as expressões da erótica. Munidos dessa curiosidade, os modernistas tupiniquins não só se empenharam na pesquisa dessa vertente, buscando suas fontes na “quotidianidade nacional”, como também na criação de obras obscenas. De outro lado, o que é mais importante ainda nesse caso, o movimento buscava esboçar um novo rosto para o Brasil, no empenho de incorporar traços de sua diversidade cultural. Para tanto, era preciso agregar elementos folclóricos e populares à escrita erudita e, sobretudo, conquistar definitivamente a linguagem coloquial para a literatura.

Mas para falar em literatura erótica é preciso entender como se dá uma obra erótica e conceituar linguagem erótica. Como ponto de partida pode-se fazer referência a Branco (*apud* AZEREDO, 2008, p.1):

As obras (literárias que), a partir do sexo, abordam outros motivos e, por fim, transcendem o caráter exclusivamente sexual são consideradas

eróticas, literárias. Isso nos remete mais um vez a Georges Bataille com sua definição da experiência erótica como transcendência da experiência sexual rudimentar, animal.

Segundo Branco (*apud* AZEREDO, 2008), o erotismo vai implicar não só a questão da sexualidade, mas a questão do ser e do social. Ao falar de erótico está-se falando do homem, de sua inserção e interação no meio social e como se sabe para que haja essa interação é preciso fazer uso da linguagem. No caso da literatura erótica se faz uso da linguagem erótica. Desse modo:

Podemos falar em linguagem erótica porque o erotismo circunscreve-se no social, é codificado por meio de regras, combinação de elementos – os signos – que significam uma convenção e realiza-se como expressão de elementos que se combinam no corpo e representam modos de pensá-lo e de significá-lo. (CAMARGO *apud* AZEREDO, 2008, p.1)

Como já foi citado, nesse estudo, o significado de erotismo e de sua linguagem varia bastante, dependendo de fatores culturais e sociais. Entretanto, o que não varia é a vivência do erótico por todas as pessoas, o que segundo Camargo (*apud* AZEREDO, 2008) a linguagem erótica, como toda linguagem, é passível de mudança, alterando-se conforme as mudanças sociais, entretanto, seu caráter universal permanece imutável ao longo da história da humanidade, o que muda são as interpretações a respeito do mesmo fenômeno.

Em *A dupla chama-amor e erotismo* (1995), Octavio Paz aproxima erotismo e poesia: o erotismo seria uma poética corporal, em que a imagem adquire corpo, e poesia uma erótica verbal, em que os corpos tornam-se imagens. E a sedução passa através de como é dito mais do que foi dito, assim existem textos muito sensuais que não comportam a presença do sexo, do corpo ou do amor mesmo.

Como afirma Roland Barthes (2008, p. 15):

O lugar mais erótico de um corpo não é lá onde o vestuário se entreabre? Na perversão (que é o regime do prazer textual) não há “zonas erógenas” (expressão alias bastante inoportuna); é a intermitência, como o disse muito bem a psicanálise, que é erótica: a da pele que cintila entre duas peças (as calças e a malha), entre duas bordas (a camisa entreaberta, a luva e a manga); é essa cintilação mesma que seduz, ou ainda: a encenação de um aparecimento e desaparecimento.



O erotismo e a literatura revelam-se como seduções inescapáveis na medida em que desviam sexo e a linguagem do ato sexual, agregando a este um elemento principal, a imaginação, como afirma Octavio Paz (2001, p. 13), ao dizer que:

Em todo o encontro erótico há uma personagem invisível e sempre ativa: a imaginação, o desejo. No ato erótico intervêm sempre dois ou mais, nunca um só. Aqui aparece a primeira diferença entre a sexualidade animal e o erotismo humano: no segundo, um ou vários dos participantes pode ser um ente imaginário.

Essa opinião também é dividida por Danilo Corci (2009: p. 1), ao dizer que “o erotismo é a fascinação que o imaginário produz, e a construção de um poema erótico é agregar a poética ao imaginário, me atreveria a dizer que o erótico é poético”.

Em sua intrínseca ligação com o imaginário e com os desejos ocultos, tanto do corpo como da poética, a literatura erótica consegue transcender seu esboço meramente explícito e conduzir autores e leitores a uma jornada de descobertas e de ideias muitas vezes impossíveis de se reproduzirem publicamente. O'Neill (1997), ressalta justamente que o erotismo pode nos dar mais prazer do que em nossas camas.

### 3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O EROTISMO EM BRILHO DE FOGO E OUTROS POEMAS DE AMOR.

A coletânea de poemas *Brilho de Fogo e Outros Poemas de Amor* foi escrita por Augusto Oliveira. Que nasceu em Belém do Pará, mas vive desde 1987 em Macapá, capital do Amapá; Augusto Oliveira é Farmacêutico, Bioquímico, Historiador e Professor universitário de História; autor e co-autor de livros de temas variados como ciência, tecnologia e Amazônia. Dentre as obras mais conhecidas

está *Brilho de fogo e outros poemas de amor*, uma coletânea de poemas eróticos publicada em 2006 com poemas que escreveu desde os dezessete anos.

Em *Brilho de fogo e outros poemas de amor* é possível ver várias facetas do erotismo, no entanto esse artigo destaca duas temáticas eróticas presentes na obra: o jogo de poder presente na obra e o papel da imaginação. Será apresentado a seguir, a análise dos poemas que foram eleitos como corpus desta pesquisa, para demonstrar na prática como as teorias estudadas se entrelaçam na construção desses poemas.

### 3.1 JOGO DE PODER EM *BRILHO DE FOGO E OUTROS POEMAS DE AMOR*

Os poemas “Roubei teu beijo” e “Luxúria”, trazem à tona as questões do erotismo já bem delineado. Neles uma dessas questões é bem evidenciada, o jogo de poder que ocorre entre os participantes do ato erótico, há sempre um sujeito passivo que se submete ao ativo para obtenção de prazer.

#### 3.1.1 Roubei teu beijo

“Roubei teu beijo” traz à tona o jogo de poder que fala Bataille (2004, p.14) ao afirmar que na atividade erótica, a parte masculina tem em princípio, um papel ativo, enquanto a parte feminina é passiva.

Roubei teu beijo

Roubei, de fato roubei teu beijo  
Ficaste então visivelmente aflita  
Durante, entretanto, aquele beijo  
Notei na tua língua, a tua fita.

Agarrei com vigor o teu dorso.  
Espalmaste furiosa meu peito  
Num manifesto ato de esforço  
Sem que nele houvesse algum efeito

Despi criterioso o teu corpo  
Diante da tua expressa revelia,  
Mas se era verdade que gritavas  
Verdade, te juro, não te ouvia.

Tuas pernas enclaustradas, qual cadeado  
Exaltavam um querer algo contrário,  
Mas num ato falho, num ato reflexo  
Entreabriram, as duas, no momento certo

Que cantilena insistente, repetitiva:  
Não, não, isso não, por favor, não!  
A cada não dito, um sim se entendia  
Não e sim se fundiam na mesma confusão

Que êxtase vivi naquele gozo  
A teu contragosto, na tua apatia  
Parecia haver em ti ainda mais gosto  
Que o gosto que eu próprio porventura sentia

O amor é assim,  
Tem dessas coisas  
É enigmático  
Entre louco e lúdico  
É perfeitamente performático.

Neste poema o eu-lírico conversa com o objeto amado e confessa inicialmente que lhe roubou um beijo. A partir daí, descreve minuciosamente seu encontro amoroso com um lirismo que perpassa todo o poema.

É possível perceber nas primeiras estrofes um efeito de gradação nas ações que ele vai realizando, nos termos “roubei”, “agarrei”, “espalmaste”, “despi”, com o uso desse efeito observa-se através das ações do eu-lírico que despe é para o eu-lírico o ápice de suas ações, pois, ao conseguir retirar as roupas do objeto amado, o eu-lírico está mais próximo para realizar o ato sexual/amoroso.

Mas o ato amoroso não acontece com o consentimento do sujeito passivo. Durante todo o poema o eu-lírico narra o contragosto da amada, ele força a relação, deixando visível uma das facetas do erotismo: a relação de poder que ocorre na relação sexual.

Nesse poema o eu-lírico exercita o jogo do poder pela força que emana do sujeito ativo ao tentar sujeitar e submeter o sujeito passivo através da violência, mesmo que consentida: “agarrei com vigor o teu dorso/ espalmaste furiosa meu peito/ num manifesto ato de esforço/ sem que nele houvesse algum efeito”. A

rejeição do objeto continua na terceira estrofe, e o jogo de poder ganha mais força por parte do eu-lírico.

De acordo com Bataille (2004, p. 12), a violência é uma das molas propulsoras do erotismo - “essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência, o domínio da violação”. Como foi citado nesse artigo o sentido de violência e violação para Bataille (2004, p. 43) está ligado ao conceito de transgressão, de desobedecer e infringir, no poema observar-se essa “violência” no momento em que o eu-lírico contraria o querer da mulher e mesmo assim a violenta, isso é comprovado na fala direta dela quando diz “não, não, isso não, por favor não”, e ele retruca dizendo que a cada “não” dado pela mulher ele entendia um “sim”.

Mas é essa mola da qual fala Bataille (ib.) que nos permite, através da narrativa do eu-lírico de “Roubei teu beijo”, perceber que, mesmo com a violência e o seu contragosto, o objeto em algum momento permite ser violentado, esse momento é o clímax do poema: “mas num ato falho, num ato reflexo/ entreabriram, as duas, no momento certo/ [...] a cada não dito, um sim se entendia”.

Essa violência consentida pode, no jogo erótico, atuar como fonte de prazer para os nela envolvidos, o eu-lirico nos coloca isso na penúltima estrofe: “Que êxtase vivi naquele gozo/ a teu contragosto, na tua apatia / parecia haver em ti ainda mais gosto/ Que o gosto que eu próprio porventura sentia...”, onde apesar de inicialmente a mulher não consentir e receber essa violência a contragosto, tem-se nessa estrofe a afirmação do eu-lirico que ela também sente prazer em ser violentada

Buscou-se com esta análise, compreender como se realiza o jogo erótico na relação sexual quando está envolvida a violação por parte de um dos participantes do ato erótico, partindo disso percebeu-se que a violação gera no erotismo a violência.

### 3.1.2 “Luxúria”

Em “Luxúria”, como na maioria dos poemas da coletânea, também é demarcada a violação, só que, diferente do jogo erótico existente em “Roubei teu

beijo”, temos em “Luxúria” um jogo de poder erótico consentido, e até mesmo uma relação sadomasoquista entre os participantes.

### Luxúria

Esgarçaste com fúria e unhas  
A pele das minhas costas,  
Como quem quer ver exposta  
A dor, em gritos e sangue.

Tranquei os dentes  
Em tua bunda com fúria e zelo  
De quem fere a ferro sua rês  
E chega na lua primeiro.

Ferimos nossos corpos  
Como quem de propósito  
Deixa sempre uma trilha  
Com pavor de não voltar  
Da floresta úmida e fria

E nos que corríamos o risco  
De nos sentirmos culpados  
Por ter apenas nos amado.

Adentrando pelo título, observa-se em “Luxúria”, a configuração de um dos preceitos do cristianismo, onde a luxúria se enquadra como um dos sete pecados capitais, condenada pela Igreja; e em muitos dicionários é definida como um desejo desenfreado de prazeres sexuais. A partir disso, nota-se que o título condensa em si a ideia do poema.

Como observa-se logo na primeira estrofe, em que o primeiro vocábulo “esgarçaste” já anuncia o jogo sádico que vem ao longo do texto. O eu-lírico começa a narrar ao objeto o ato sexual, em que ela dá início a estímulos, supostamente dolorosos, como logo aparece no 1º e 2º verso: “esgarçaste com fúria e unhas/a pele das minhas costas”, através desse verso percebe-se que há uma alternância entre os amantes no papel de ativo na relação. Observa-se ainda o uso metafórico nessa estrofe, pois o eu-lírico usa a palavra “esgarçaste” para descrever como a mulher arranha suas costas.

Em seguida, o eu-lírico levanta uma hipótese para conseguir uma possível justificativa da ação da parceira: “como quem quer ver exposta/ a dor, em gritos e

sangue”. Podemos vislumbrar nesses versos uma relação sadomasoquista, onde, quando consentida, o casal sente prazer em atividades sexuais que inflijam dor.

O poema se tece todo nesse jogo sádico, a partir do verso introdutório da 2ª estrofe, na qual o eu-lírico narra suas ações, que dá início a partir de uma mordida: “tranquei os dentes”, onde a escolha lexical da palavra “Tranquei” dá mais intensidade ao ato, observando e imaginando algo mais violento que uma simples mordida, isso acontece pelo efeito de metaforização da palavra “tranquei”.

No decorrer do texto identificam-se mais vocábulos que afirmam a postura sadomasoquista, como “dor”, “fúria”. Mas pode-se inferir que há por parte do eu-lírico, com relação à mulher uma relação de cuidado, comprovado no vocábulo “zelo”.

É através dessa relação de cuidado que existe entre ambos que na terceira estrofe, o eu-lírico descreve a cumplicidade com que ambos praticam o ato amoroso, comparando as feridas causadas em ambos os corpos como trilha, em uma comparação com uma pessoa que, ao adentrar uma floresta desconhecida, faz uma trilha, com a intenção de não se perder. No poema os amantes fazem das feridas trilhas, caminhos com medo de não conseguir voltar. Essa comparação do eu-lírico faz suscitar Bataille (2004, p.21) ao dizer que no erotismo em certo sentido o ser se perde objetivamente, se for preciso, no erotismo “eu me perco”, é uma perda voluntária.

Na última estrofe é visível que toda a violência presente no texto, se transforma em um lirismo poético, típico da poesia erótica, no entanto ao observar esses últimos versos do poema, vamos logo perceber que o termo “culpado” remete ao título do poema, e em seu conceito de pecado, culpa, em que o eu-lírico, logo se exime ao usar o amor como justificativa para o “pecado” cometido.

Ainda no poema observa-se a aliteração, à moda dos concretistas, entre: fúria (duas vezes), fere, ferro, ferimos. Esta insistência e ligação entre estes termos evidenciam o aspecto próprio de ferir, escarnecer, aprofundar para, sadicamente, expressar uma vertente do amor físico.

Para concluir as análises dos poemas, pode-se analisar que tanto em “Roubei teu beijo” quanto em “Luxúria”, aplica-se um jogo de poder entre os amantes na relação, algo muito típico dentro dos textos eróticos. No entanto através dos poemas analisados observa-se que há textos que a violação não é consentida e é mais branda, enquanto há outros em que é mais agressiva e

consentida. Assim percebeu-se que em brilho de fogo convivem os dois desejos, visto que ambos fazem parte do relacionamento amoroso.

### 3.2 O EROTISMO IMAGÉTICO DE *BRILHO DE FOGO E OUTROS POEMAS DE AMOR*

Em *Brilho de fogo e outros poemas de amor*, Augusto traz um erotismo que trabalha bastante com a imaginação do leitor, em que a palavra guarda atributos imagéticos, pois tanto a imagem dá origem à palavra, quanto à palavra *ões* faz suscitar a imagem, ambas estão imbricadas. Como salienta Paz (2001, p. 12):

A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e rito e a linguagem em ritmo e metáfora. A imagem poética é braço de realidades opostas e a rima é cópula de sons; a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo. E da mesma forma, o erotismo é uma metáfora da sexualidade animal.

Segundo Paz (2001, p.12) é a imaginação que movimenta o ato erótico e o poético, pois é ela a responsável pela eroticidade da poesia, como se vê a seguir nos poemas de *Brilho de fogo e outros poemas de amor*.

#### 3.2.1 “Finitos Véus”

O poema “Finitos véus”, é um entre vários poemas na obra que mobilizam os sentidos através da imaginação e observa-se vários termos que fazem fruir a imaginação do leitor. E é a imaginação, que vai ser responsável pela eroticidade desse poema.

Finitos véus

Tua vulva está envolta  
Em finitos véus.  
Então, lembremos  
As saias e suas rendas  
Meias-ligas  
Lingerie, algodão,  
A delicada calcinha,  
Elásticos...

Como volver  
Os véus que envolvem  
A tua vulva?

Meus olhos desejosos  
Comandam as minuciosas  
Pinças dos meus dedos  
Ariscos e treinados  
Em fechos, botões,  
Colchetes, muitos nos,  
Segredos do cofre  
Que escondem tua vulva

Nada há de físico,  
Mecânico ou lógico  
Que seja impedimento  
As minhas vontades.

Havemos, entretanto,  
De considerar a quase  
Intransponível barreira  
Etéreo, imaterial:  
O teu consentimento;  
Ou melhor,  
O teu querer ser descoberta  
Através da tua vulva.

E isso não é questão de pano!

Tem que haver, sem a qual não,  
Alguma coisa de sedução e de sim.

O poema é construído a partir de uma base imagética, em que as vestes da mulher, criam uma obsessão para o eu-lírico. Encontram-se termos altamente sugestivos à imaginação quando ele descreve a roupa com que a mulher está vestida: “Tua vulva está envolta /Em finitos véus [...] As saias e suas rendas/ Meias-ligas/ Lingerie, algodão,/ A delicada calcinha,/ Elásticos...”. Com esses termos podem-se formar imagens concretas, que permitem personificar a mulher e suas vestes.

Essa questão do vestuário feminino é importante, visto que ele atua diretamente no fetichismo e imaginário do homem, gerando a necessidade de olhar a nudez do ser amado de forma completa.

Mas é na segunda estrofe que se começa a ver a necessidade do eu-lírico de olhar a nudez da mulher, ao fazer a pergunta “como volver/ os véus que envolvem/ a tua vulva?”. O eu-lírico pergunta à mulher como mudar a situação de ela estar coberta, envolta em véus e começa a responder na terceira estrofe. Ainda



nessa estrofe vamos observar o uso aliterativo, com a repetição da letra “v” nos vocábulos “volver”, “véu” e “vulva”, servindo para concretizar um espiral de movimentos, onde é expresso o desejo de “volver a vulva”, ou seja, do desejo de penetrá-la e possuí-la.

O eu-lírico declara que seus olhos estão desejosos e seus dedos treinados para manipular as vestes, e compara os botões e fechos das roupas da amada ao segredo de um cofre, em que é descobrir esse segredo para conseqüentemente descobrir a vulva da mulher, mas para livrar-se de tudo que considera impedimento, é preciso a mulher revelar seu corpo para ele realizar seus instintos, para o eu-lírico não há nada que vá impedi-lo, como parece evidente nos versos: “nada há de físico/ mecânico ou lógico/ que seja impedimento/ as minhas vontades”.

No entanto, ele nos esclarece que não pode deixar de considerar o consentimento da mulher, também como barreira, “intransponível”, a vencer: “havemos.../ de considerar a quase/ intransponível barreira/ o teu consentimento”, mas adiante no texto nos explica que não é bem o consentimento do objeto que ele precisa, mas o querer ser descoberta: “... ou melhor, o teu querer ser descoberta”.

É no verso isolado do poema que o eu-lírico declara que o “querer ser descoberta”, não é uma questão de apenas de vestuário: “e isso não é questão de pano!”, e sim de sedução por parte dele direcionada à mulher, para um possível sim, para uma permissão, um consentimento dado pela mulher, pois na relação erótica realizada por ambos, a parte passiva, nesse caso a mulher, precisa assumir o desejo de realizar o ato sexual.

Nesse contexto pode-se inferir aquilo que O'Neill (1997), já citado aqui, coloca ao dizer que o corpo nu da mulher não vai ser o único enfoque no texto erótico, nesse caso o vestuário é tão importante, pois atua diretamente na imaginação.

E através da descrição da roupa feminina realizada pelo eu-lírico, que permite, ao leitor, um passeio pelo vestuário feminino ao longo dos tempos, desde as vestimentas femininas anteriores ao século XX inspirada na alta-costura francesa e inglesa, quando eram usados vestidos cumpridos abaixo do tornozelo, de mangas longas e golas altas, e as mulheres ainda usavam espartilhos para marcar a cintura. Encontram-se ainda nos versos do poema na descrição das roupas a transição do modo se vestir, que ocorreu a partir da 1ª guerra mundial,

Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP

onde as saias cumpridas deram lugar a saias curtas que deixavam os tornozelos de fora e se podia ver as meias rendadas como temos nos versos, “as saias e suas rendas / meias-ligas/ lingerie, algodão, / a delicada calcinha / elásticos.. Em fechos, botões, colchetes, muitos nos”.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a questão é literatura, qualquer tentativa de delimitação se propõe difícil, no entanto foi preciso definir como direcionamento desse estudo as representações do erotismo na obra *Brilho de fogo e outros poemas amor*, delimitando os aspectos eróticos presentes nessa obra: o jogo de poder e o papel da imaginação. Para tanto foram utilizados a análise dos poemas “Roubei teu beijo”, “Luxúria” e “Finitos véus” de Augusto Oliveira, buscando analisar a relação de poder existente na relação erótica e o papel desempenhado pela imaginação nessa relação.

A primeira sessão tratou da temática desse artigo: o erotismo, para isso foi realizado um levantamento do surgimento do termo Eros, das distinções entre erotismo e pornografia. Partindo disso percebe-se que as diferenças entre ambas são influenciáveis por vários fatores; foi necessário, também a utilização de teorias acerca de como a sexualidade está ligada à violação, houve uma ênfase nas temáticas específicas nos poemas “Roubei teu beijo” e “Luxúria”.

Na segunda seção foi realizado um levantamento sobre as teorias do erotismo literário, da linguagem erótica e do papel da imaginação na literatura erótica, teorias essas usadas principalmente na seção “o erotismo imagético em *Brilho de fogo e outros poemas de amor*”.

Na última seção foi feita a análise do corpus dessa pesquisa, e para isso ela foi dividida em duas partes. Na primeira, foi analisado o jogo de poder existente na relação erótica, para isso utilizou-se os poemas “Roubei teu beijo” e “Luxúria”, onde foi evidenciado que nesse jogo de poder há sempre um sujeito ativo e um passivo que realizam o ato erótico com violência que gera prazer, tanto para o homem (eu-lírico) que violenta como para a mulher que é violentada, numa ênfase de conflitos humanos.

Na segunda parte, foi analisada a função da imaginação na obra, percebeu-se que com a análise do poema “Finitos véus”, que o erotismo é mobilizado pelos sentidos e imaginação, e que sua função é instigar o leitor, provocando a sua imaginação. Sendo assim constatou-se que a construção é feita a partir de uma base imagética, onde são criados ambientes, e ações possíveis de se concretizarem que levam os leitores a diversos lugares e elevam a libido.

Constatam-se que as considerações sobre o erotismo e literatura erótica, atuam no esclarecimento das análises dos poemas da obra *Brilho de fogo e outros poemas de amor* de Augusto Oliveira. Portanto, identificou-se nesses poemas a presença de um erotismo sensual ligado ao prazer que se dá a partir de um jogo de poder e um erotismo altamente sugestivo e ativador da imaginação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, Genilda e XAVIER, Márcia Cristina. O erotismo e o feminino. In: **XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências**, 13, 07, 2008. São Paulo. Anais do XI Congresso internacional da ABRALIC. São Paulo, 2008.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 4. Ed. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.
- BULHÕES, Marcelo. **Leituras do desejo: O erotismo no romance naturalista brasileiro**. São Paulo: USP, 2003.
- CORCI, Danilo. **A literatura erótica**. Disponível em: [www.screamyell.com.br/literatura\\_erotica.htm](http://www.screamyell.com.br/literatura_erotica.htm). Acesso em: 25/05/2009.
- DURIGAN, Antonio Jesus. **Erotismo e literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- FREUD, Sigmund. **Alem do principio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920)**. Disponível em: <http://pt.scribd.com>. Acesso em: 28/08 /2011.
- LINS, Ronaldo Lima. **O felino predador: Ensaio sobre o livro maldito da verdade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- OLIVEIRA, Augusto. **Brilho de fogo e outros poemas de amor**. São Paulo: Scortecci, 2006.

O'NEILL, Eileen. **Gênero, corpo e conhecimento**. Trad. Brita Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. 2. ed. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 2001.

PLATÃO. **O banquete**. Disponível em: [www.dominiopublico.org.br](http://www.dominiopublico.org.br). Acesso em: 29/08/2011.

PEREIRA, Vinicius. **A revolução erótica: uma subversão poética em “Onde estivestes a noite”**, de Clarice Lispector. In: **XI congresso internacional da ABRALIC**, 06, 2008, São Paulo. Anais do XI Congresso internacional da ABRANLIC. São Paulo, 2008.

SONTAG, Susan. **A imaginação pornográfica (1967)**. Disponível em: [www.sabotagem.cjb.net](http://www.sabotagem.cjb.net). Acesso em 02 de dezembro de 2011.

VALENÇA, Ana Maria Macedo. **Revista brasileira de sexualidade humana**. SBRASH, 1994, volume 5, numero 2.